

Formação Inicial e Continuada de Professores: da Teoria à Prática 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Formação Inicial e Continuada de Professores: da Teoria à Prática 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F723 Formação inicial e continuada de professores [recurso eletrônico] :
da teoria à prática 2 / Organizadora Solange Aparecida de Souza
Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-958-5

DOI 10.22533/at.ed.585202301

1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação.
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer
Pra não dizer que eu não falei das flores (Geraldo Vandré)

Com as variações do conhecimento, assim como a própria linguagem, que está em constante movimentação, o processo de ensinar, educar, formar, vai sofrendo rupturas, enraizando em outras terras e resultando em novas experiências, logo, novos resultados. Assim como a enraização, metaforizemos a flora, que foi plantada, cultivada, cuidada, regada, germinada, enraizada e dá seus bons frutos; isso é a educação, o minimalismo da existência humana, os passos lentos da constituição de um cidadão, a constante (re)adaptação e a necessidade de sempre trazer e buscar o novo. Esperar não é saber, é preciso buscar e fazer acontecer. A formação inicial e continuada é assim, são sementes plantadas, para que floresçam futuramente, e deem bons frutos.

Quem sabe faz a hora.

A informação só se torna em conhecimento quando se tem metodologias e acesso às diversas maneiras de se educar, por isso, a própria instituição escolar produz mecanismos e funcionalidades que possibilitam a construção de um novo olhar às multiplicidades, diferenças e necessidades do solo educacional. A formação iniciada e, sobretudo, continuada contribuem para a magnitude do poder de ensinar com qualidade, possibilitando viés acessíveis e reais para as condições em que cada escola, turma e/ou aluno necessita, visando sempre o aperfeiçoamento e a adequação para que o conhecimento se torne palpável.

A formação continuada de professores tem sido entendida hoje como um processo permanente e constante de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade dos educadores. Ela é realizada após a formação inicial e tem como objetivo assegurar um ensino de qualidade cada vez maior aos alunos. Essa necessidade sempre existiu, já que a ação docente é uma ação presente, complexa e que depende da eficácia da relação interpessoal e de processos objetificados em relação à capacidade em captar a atenção e de criar interesse. As mudanças dos paradigmas impostas pela sociedade, nas últimas décadas, intensificou essa necessidade. Atualizar-se se tornou obrigatoriedade para os professores numa escola que precisa lidar a inquietude das gerações interativas e tecnológicas.

Mais do que nunca, o educador deve se manter atualizado e bem informado, não apenas em relação aos fatos e acontecimentos, mas, principalmente, em

relação à evolução das práticas pedagógicas e às novas tendências educacionais. A formação continuada tem muito a contribuir nesse processo, uma vez que permite que o educador agregue o processo ideal para gerar transformação e impacto nos contextos profissional e escolar. Com a formação continuada, o processo de aprendizagem e desenvolvimento do professor é constante e permeia o dia a dia da sala de aula. Por isso, o educador tem a oportunidade de refletir e aperfeiçoar as suas práticas pedagógicas e também de promover o protagonismo de seus alunos, potencializando assim o processo de ensino-aprendizagem.

A formação continuada deve ser encarada como uma grande aliada dos educadores, uma vez que contribui para a evolução constante do trabalho do docente. Isso porque ela favorece a criação de novos ambientes de aprendizagem, dando novo significado às práticas pedagógicas. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NOS DIAS ATUAIS	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Andreza de Souza Fernandes Paulo Rennes Marçal Ribeiro Heitor Messias Reimão de Melo Polyanna Moreno dos Santos Marilurdes Cruz Borges	
DOI 10.22533/at.ed.5852023011	
CAPÍTULO 2	12
BIOMETRIA DA CANA-DE-AÇÚCAR ADUBADA COM ORGANOMINERAL DE BISSÓLIDO E BIOESTIMULANTE EM SOLO ARENOSO	
Emmerson Rodrigues de Moraes Matheus Henrique Medeiros Eduardo Prado Giorgenon Joicy Vitória Miranda Peixoto Jose Geraldo Mageste da Silva Regina Maria Quintão Lana Reginaldo de Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.5852023012	
CAPÍTULO 3	17
ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE AS SUAS FORMAÇÕES INICIAL E CONTINUADA QUANTO AO USO DAS TDIC	
Rafael Arruda Nocêra Ana Paula Herrero Alessandra Dutra Vanderley Flor da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.5852023013	
CAPÍTULO 4	27
PAPEL ATRIBUÍDO ÀS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR PROFESSORES DE LICENCIATURA EM QUÍMICA	
Josemar David Natalina Aparecida Laguna Sicca	
DOI 10.22533/at.ed.5852023014	
CAPÍTULO 5	30
FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E A INDÚSTRIA 5.0. E O REDESIGN DA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E DAS METODOLOGIAS ATIVAS	
Maria Cristina Marcelino Bento Messias Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5852023015	

CAPÍTULO 6	44
NARRATIVA, AUTOBIOGRAFIA E FORMAÇÃO DE EDUCADORES A DISTÂNCIA	
Lidnei Ventura	
Waleska Regina Becker Coelho de Franceschi	
Karen Esteves	
DOI 10.22533/at.ed.5852023016	
ÍNDICE REMISSIVO	56

NARRATIVA, AUTOBIOGRAFIA E FORMAÇÃO DE EDUCADORES A DISTÂNCIA

Data de aceite: 17/01/2020

Lidnei Ventura

Centro de Educação a Distância - Universidade do Estado de Santa Catarina – Florianópolis- SC

Waleska Regina Becker Coelho de Franceschi

Prefeitura Municipal de Florianópolis - Secretaria Municipal de Educação – Florianópolis - SC

Karen Esteves

Doutora e Mestre em Administração pela Universidade de São Paulo

RESUMO: O presente artigo relata a experiência de formação continuada de educadores egressos de cursos de pedagogia na modalidade a distância a partir da oferta do projeto de extensão “Curso narrativa, autobiografia e formação de educadores”, promovido pelo Centro de Educação a Distância da Universidade do Estado de Santa Catarina. O referido projeto de formação tem por base a metodologia de narrativa autobiográfica, cuja proposta de trabalho é criar um espaço biográfico no qual os sujeitos autoformadores possam narrar suas experiências de formação acadêmica. Além de descrever a estrutura e o funcionamento do curso, este artigo apresenta os fundamentos da metodologia de pesquisa narrativa, entendendo-a também

como possibilidade inovadora de formação continuada, aspecto este que tem sido relegado pela concepção tradicional, cuja ênfase é de formação para e não com os sujeitos, subtraindo seu papel de protagonista na construção de habilidades, saberes e fazeres profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a distância. Formação continuada. Narrativa autobiográfica.

ABSTRACT: This paper describes the continuous training of teachers graduated in Pedagogy through the distance learning program by means of the extension project known as “Narrative, autobiography, and teacher training” offered by the Distance Learning Center of the University of the state of Santa Catarina. The purpose of this training project is to promote the autobiographical narrative methodology, whose intent is to create a biographical space in which teachers can express their own experiences related to their undergraduate education. Besides describing the structure and functioning of the course, this paper presents the fundamentals of narrative research methodology, which can also be understood as an innovative possibility of continuous training. Such aspect has been put off by traditional conceptions, whose emphasis is to provide training to – and not with – individuals, who lose their leading roles in the construction of abilities, knowledge, and professional practices.

KEYWORDS: Distance education. Continuing education. Autobiographical narrative

1 | INTRODUÇÃO

Narrativas nos constituem como pessoas, como sujeitos, como identidades subjetivas. Mas não só. Narrativas nos constituem como espécie, como gênero humano, como mundo, como universo.

Ao narrar o mito, o que os primeiros homens e mulheres fizeram foi narrar suas vidas e as relações entre si, com o mundo e com o universo que desafiava a compreensão da sua própria existência. Indício disso é que a palavra mito vem do grego *mithós*, que, dentre muito sinônimos, poderia significar relato, mensagem ou narrativa. E, desde então, o mito tem sido a forma privilegiada da narrativa, uma forma de manifestar uma visão do mundo e do universo (cosmovisão).

Apesar dos apelos racionais da filosofia e da ciência, que criaram também suas metanarrativas sobre o homem e o mundo, os mitos narrados até os nossos dias, em vez de desaparecer, têm estado conosco mais presentes do que nunca, seja na narrativa bíblica, no Alcorão, no Livro dos Mortos, no zodíaco diário ou na constelação de estrelas e personagens midiáticos do cinema e da televisão que, miticamente, têm arrebatado sonhos e arrancado suspiros do público contemporâneo.

Todos os mitos se hibridizam, misturam e entrecortam numa narrativa maior: a vida contemporânea. De modo que a narrativa é isso, um conto sobre nós e sobre o mundo, que não é, mas está sendo (FREIRE, 1980) perpetuamente (re)construído.

E como toda narrativa é partilha, este relato narra a experiência de construção de autobiografias a partir da construção de um espaço biográfico no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do Projeto de Extensão “Curso de narrativa, autobiografia e formação de educadores”, desenvolvido no Centro de Educação a Distância da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

2 | NARRATIVA COMO PARTILHA DE EXPERIÊNCIA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DO MUNDO

No quadro *Fúria de Aquiles* (1737), o pintor francês Charles-Antoine Coypel oferece ao público sua narrativa de um dos momentos decisivos da Guerra de Tróia. Após se deparar com o corpo de Pátroclo, abatido em combate por Heitor, Aquiles volta à guerra para vingar sua morte e selar a morte do herói troiano. Coypel, a partir da leitura do grande Homero, cria sua narrativa com imagens dessa história milenar.

E assim é o narrador e a narrativa; como disse Walter Benjamin, “uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 2012, p. 221) nunca acabada ou concluída, mas como um “puro em si”, como “a mão do oleiro na argila do vaso”. De forma que

tanto Coypel quanto Homero deixam-se mergulhar na narrativa, criando um mundo novo toda vez que contam e recontam suas histórias.

Muito além da invenção ficcional, a narrativa tem origem no mito, uma das primeiras formas de tentar apaziguar o homem diante da natureza implacável e explicar as razões para a existência humana. O mito é uma forma de colocar alguma ordem no caos que é o mundo exterior e acalmar a frágil vida humana diante dos perigos que a assola, de modo que a narrativa mítica foi inventada para dar sentido ao próprio mundo. E os narradores foram os primeiros a transmitir essas experiências de vida e de racionalidade a partir de suas rodas de contação de histórias, seja na caverna, diante fogo ou em rodas de viola. Assim, narrativa e constituição de humanidade estão tão imbricadas que uma não existe sem a outra.

Sendo parte constitutiva do ser humano por excelência, o ato de narrar não pode ser concebido apenas como transmissão de histórias, verídicas ou não, mas deve ser tomado como partilha e intercâmbio de experiências (BENJAMIN, 2012), como encontro com o outro, que afeta e é afetado pelos relatos acerca de seu percurso identitário.

Nesse processo de lembrar e esquecer que atravessa o narrado, rememoração e esquecimento traçam tramas que trazem à tona estilos de vida (GIDDENS, 2002), visões de mundo, desejos, medos, infortúnios e fracassos que caracterizam a vida de todos, numa relação dialética entre as condições históricas com as quais nos deparamos no cotidiano e a constituição do sujeito individual.

É nesta tensão entre o universal e o particular que se constitui aquilo que Eleonor Arfuch (2010) chama de “espaço biográfico”, enquanto rede de significados entre os sujeitos que têm uma história comum para narrar, cada um com itinerários próprios, com tonalidades particulares, com modos de contar singulares; mas, ao mesmo tempo, perpassados pelo “repertório histórico-cultural” que lhes tangencia, ou, como diz Arfuch (2010, p. 16), enquanto “o espaço da interioridade e da afetividade que deve ser dito para existir, a (consequente) expressão pública das emoções e o peso restrito da sociedade sobre elas”.

Conforme a pesquisadora norueguesa Torill Moen (2006, p.57), “não existem pessoas sem narrativas” e a “própria vida pode ser considerada uma narrativa no interior da qual encontramos uma série de outras histórias”.

Já para Jorge Larrosa (2004, p.12), “*el ser humano es un ser que interpreta y, para esa autointerpretación, utiliza fundamentalmente formas narrativas*”. Para este autor, as narrativas são mesmo parte constituinte do que somos. Numa palavra, a condição de narrar é uma premissa ontológica, isto é, somos porque narramos e somos o que narramos.

Assim, os processos de autocompreensão de nós mesmos (identitários) devem passar, necessariamente, pela rede intercomunicativa de dizermos, para nós e para

os outros (e vice-versa), quem éramos, quem somos e quem pensamos ser ou seremos.

Então, se toda identidade é produzida no diálogo consigo mesma e com os outros, partilhar experiências em narrativas autobiográficas é fundamental para a constituição daquilo que Benjamin (2012, p. 221) chamou de “comunidade de ouvintes”, na qual possam ser divididas experiências de vida, sabedorias, incompletudes, tramas individuais e coletivas; ou, novamente como diz Larrosa (2004, p.16), “são histórias mas o menos nítida, mas o menos delirante, mas o menos fragmentada”. Todavia, são sempre histórias significativas para a autodescoberta e consciência de si mesmo(a).

Na compreensão dos autores que adotamos, a vida humana só pode ser entendida como narrativa, como discurso de si mesmo(a), porque se compõe pelo que se acredita ser; porém, atravessado pelo discurso que se julga saber que os outros fazem do que se é ou se pretende ser. De modo que toda narrativa pessoal está marcada por redes intercomunicativas que a afeta, pois, todo processo de subjetividade é construído nas e pelas relações discursivas em que os sujeitos estão imersos.

Deste modo, entendendo narrativa como uma profusão de palavras enunciadas, o conceito bakhtiniano de polifonia enquadra-se neste contexto de compreensão da narrativa como encontro com o outro, como intercâmbio de vivências e de vidas. Segundo Bakhtin:

Vivo em um mundo povoado de palavras alheias. E toda minha vida, então, não é senão a orientação no mundo das palavras alheias, desde assimilá-las, no processo de aquisição da fala, e até apropriar-me de todos os tesouros da cultura. (BAKHTIN, 1979, apud BUBNOVA, 2011, p. 271).

Isso porque a busca da palavra alheia é o que nos confere sentido à existência.

Neste contexto de discussão, passa-se a considerar a ideia de que exercícios de narrativas autobiográficas podem levar a processos de autodescobertas e a diversos tipos de aprendizagens. Isso tanto se considerando processos cognitivos rememorativos e memorialísticos, como a produção de diversos gêneros orais e escritos autobiográficos por parte dos sujeitos aprendentes. Vem daí a importância de se considerar perspectivas de formação inicial e continuada a partir de histórias de vida e relatos autobiográficos, de modo que se possa trabalhar e revolver, no processo de formação de educadores, dimensões esquecidas da subjetividade, tais como a imaginação, afetividade, sensibilidade, emoção e todas aquelas outras que foram banidas do processo formativo (JOSSO, 2010) em nome de uma inalcançável e ilusória objetividade do sujeito, construída pelo imaginário positivista.

3 | NARRATIVA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA E DE FORMAÇÃO

Nas últimas três décadas (JOSSO, 2010), as pesquisas em ciências humanas, em suas diferentes áreas, vêm discutindo o papel e a importância das narrativas autobiográficas no processo de individuação e construção de identidades, partindo, sobretudo, de pressupostos e métodos antropológicos e etnográficos, áreas estas que reafirmam o papel do sujeito e sua subjetividade no centro da pesquisa científica.

Adotando a mesma linha de raciocínio, Leonor Arfuch (2010, p.16) reitera essa recuperação do sujeito nas pesquisas dizendo que “as ciências sociais se inclinam cada vez mais com maior assiduidade para a voz e o testemunho dos sujeitos, dotando assim de corpo a figura do ‘ator social’”.

Ainda no quadro histórico deste tipo de investigação, a pesquisadora inglesa Bárbara Harrison, editora e apresentadora da importante coletânea *Story Lives Research* (HARRISON, 2008), remete às pesquisas inaugurais dos anos de 1920-1940 da Escola de Chicago, o desbravamento deste campo de investigação e situa esta escola como responsável pelo uso de metodologias qualitativas na pesquisa sociológica, relativizando os métodos quantitativos e estatísticos predominantes na época e aplicando instrumentos de pesquisas próprios da etnografia e da antropologia.

O campo da educação tem sido marcado também por experiências de pesquisas que consideram as narrativas autobiográficas como processo teórico-metodológico na formação de educadores (ABRAHÃO, 2004). Essas pesquisas partem da reflexão pessoal e podem levar a tomadas de decisões conscientes a respeito de sua atuação pessoal e profissional. Nelas, parte-se do princípio de que narrativas autobiográficas podem conduzir a processos de autorreferenciamento e consciência de si (JOSSO, 2010) a partir da criação de um espaço de narrativa autobiográfica.

Apesar da sua boa aceitação no campo da pesquisa atualmente, as narrativas autobiográficas dos sujeitos-educadores não têm sido uma dimensão satisfatoriamente considerada nos processos de formação inicial ou continuada. Daí a importância da criação de um espaço autobiográfico que resgate a importante dimensão da vida pessoal e profissional, a fim de que sejam lembradas (ou não) contribuições e lacunas, provocações e decepções do percurso formativo, levando a reflexões pessoais e coletivas junto aos seus pares com objetivo de “passar a limpo” essa história (ARFUCH, 2010, p. 16) e seguir adiante com mais “segurança”.

É importante considerar que, no processo investigativo, pesquisas narrativas e autobiográficas apresentam duas dimensões que se impregnam mutuamente: são ao mesmo tempo o fenômeno a ser investigado e a metodologia de pesquisa adotada.

Considerando as relações intrincadas entre essas duas dimensões, Torill Moen conceitua assim a pesquisa narrativa:

Meu ponto de partida é que a abordagem narrativa é um quadro de referência, uma forma de refletir durante todo o processo de investigação, um método de pesquisa, e um método para representar o estudo da pesquisa. Assim, a abordagem narrativa é tanto o fenômeno quanto o método (Connelly & Clandinin, 1990), um postulado que alguns podem achar um pouco confuso e avassalador [...] Investigação narrativa é assim, o estudo de como os seres humanos experimentam o mundo, e pesquisadores narrativos coletam essas histórias e escrevem narrativas de experiência. (MOEN, 2006, p. 58).

Como se pode ver, as narrativas autobiográficas ou narrativas de vida (JOSSO, 2010), além de serem potenciais repositórios de dados de pesquisa, podendo gerar produtos como relatos de experiência, dissertações, teses e artigos científicos, têm também a função de contribuir como metodologia de formação de educadores, partindo dos princípios de que “formar é sempre formar-se” (NÓVOA apud JOSSO, 2010, p.25) e de que produzir narrativas autobiográficas requer necessariamente inventariar o próprio processo formativo, levando a tomadas de consciência e atuação em tempos e espaços diversos.

Para isso, é preciso proporcionar, pela formação, a emergência de identidades pela imersão em um espaço biográfico constituído de relatos e fragmentos autobiográficos. Mas é muito importante considerar que esse mergulho individual possa se desdobrar, em algum momento, em relato de todos ou conclusões para o conjunto (ARFUCH, 2010), procurando se enfrentar as complexas relações de impregnação dialética entre a história individual e a história social que marcam a vida do sujeito-coletivo.

E foi o que o Curso de formação narrativa, autobiografia e formação de educadores, oferecido na modalidade a distância no Centro de Educação a Distância (CEAD) da UDESC se propôs, e que passamos a relatar. A partir deste curso, se tentou superar a clássica racionalidade técnica que tem sido adotada na formação continuada de educadores, dotando-a de humanidade e possibilidades de novas interpretações e outras vias de conhecimento.

4 | A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO BIOGRÁFICO DO CURSO NARRATIVAS E SEUS ATORES

O oferecimento do curso foi pensado na perspectiva de construir para e com os sujeitos em formação continuada, pedagogos e pedagogas egressos de cursos de Pedagogia na modalidade a distância, um espaço de construção autobiográfica e de autoformação.

Teve-se como objetivo principal a inversão da lógica de formação, classicamente calcada na “concepção de formação escolar” (NÓVOA apud JOSSO, 2010, p.17) para a ênfase numa concepção de formação autoral e investigativa. Esse ponto de vista encontra ressonância em diversos pesquisadores (JOSSO, 2010; NÓVOA;

FINGER, 1988) que têm proposto que o sujeito em formação saia do lugar comum de passividade e passe a atuar diretamente na própria formação, concebendo-a como autoformação. Sobre isso, Souza e Passeggi afirmam que:

Essa perspectiva de trabalho configura-se como investigação porque se vincula a produção de conhecimento às relações do sujeito com a experiência: ter experiência, fazer experiência e pensar a experiência. Ela é formação, porque parte do princípio de que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando vive simultaneamente, os papéis de ator e investigador de sua própria história. (SOUZA; PASSEGGI apud JOSSO 2010, p.12).

Assumindo esse ponto de vista, a arquitetura pedagógica do curso teve como parâmetro principal a criação de um espaço biográfico dialógico que permitisse aos sujeitos autoformadores condições de *ter experiência, fazer experiência e pensar a experiência*. Para tanto, a estrutura do Ambiente Virtual de Aprendizagem foi voltada para ações que permitissem a um só tempo interações polifônicas e a multiplicidade presentes nos discursos individuais. E para que se efetivasse a *socialização* da experiência vivida, o *exercício* da experiência e a *metarreflexão* da experiência, foram criadas ferramentas de interação que favorecessem encontros e entrecruzamentos discursivos.

4.1 A socialização da experiência

O curso foi oferecido pelo CEAD, numa primeira versão piloto para 50 educadores, no primeiro semestre de 2016, totalmente on-line, para egressos de cursos de Pedagogia na modalidade a distância.

Partiu-se do pressuposto de que, ao rememorar o seu processo formativo e construir autobiografias e suas narrativas, os sujeitos mobilizam uma série de funções psicológicas superiores, produzindo saberes e socializando conhecimentos via de regra desconsiderados no tradicional processo de formação escolar.

Benjamin (2012, p.240) diz que o narrador tem um dom, e seu “dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira”, pois “o narrador figura entre os mestres e os sábios”. De modo que o espaço biográfico do curso, multivocal e polifônico, foi criado para que os sujeitos autoformadores primeiro se dessem conta da própria experiência que têm e, depois, que pudessem extrair dela processos memorialísticos e autobiográficos para transformá-los em percursos formativos.

Sob essa perspectiva, autobiografar-se significa extrair de si experiências e, a partir delas, produzir novos saberes e fazeres, da vida, da profissão, da formação. Do mesmo modo que socializar essas experiências significa partilhar não apenas conhecimentos formais e acadêmicos, mas conhecimentos de uma vida.

A inserção dos sujeitos-narradores no curso iniciou com a provocação de

rememorações no Fórum de Apresentação e Autorreferenciamento, no qual cada participante se apresentou para a comunidade de ouvintes, sintetizou sua história de vida e foi convidado a associar sua biografia a figuras com as quais se identifica, traduzindo a si mesmo em imagens.

Como a postagem nesse fórum era pública, logo as imagens associadas ao perfil identitário de cada sujeito mobilizaram interações dialógicas e construíram, elas próprias, um cenário discursivo polifônico, a partir do qual alguns participantes se sentiram de alguma forma afetados pelas contribuições dos colegas, comentando o quanto as imagens tinham de particular e em comum entre si, convergindo para o relato de todos (ARFUCH, 2010).

4.2 O exercício da experiência

Jorge Larrosa diz que a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (2002, p.21). Sendo assim, a experiência é algo que se exercita, se faz e na qual se é sujeito. Não se pode ter experiências pelos outros; podemos conhecê-las, mas não podemos vivenciá-las. De modo que, no Curso de narrativas, os sujeitos foram convocados a exercitar uma experiência que, para muitos, era inusitada: narrar seu percurso formativo na EaD. A ferramenta usada foi o diário de bordo para a construção de um memorial (auto)biográfico de formação acadêmica.

Como todo memorial é construído a partir de lembranças e esquecimentos, a proposta foi de construção paulatina do diário a fim de que fosse vivida em retrospectão o processo formativo e suas influências na (trans)formação de cada um e de todos.

A proposta do memorial foi assim formulada:

Como você viu no livro de conteúdos do curso, a narrativa autobiográfica é altamente importante para (re)conhecimento de si e para a construção de nossa identidade. Afinal, somos o que narramos do mundo e de nós mesmos; por outro lado, ao narrar, construímos novas perspectivas sobre o próprio mundo e sobre nós mesmo, pois ambos estão em transformações narrativas constantes.

Neste processo, a memória ocupa papel fundamental, pois o lembrar e o esquecer também informa quem somos e/ou quem podemos ser.

O convite, neste diário de bordo, é que você comece a construção da narrativa do seu processo de formação acadêmica e o quanto esse percurso mudou/tem mudado sua visão do mundo e da sua própria vida. Remexa o fundo de suas memórias e experiências de formação acadêmica e conte seu "causo".

Mas, a proposta é que você faça esse exercício de forma gradativa, na medida em que vamos discutindo o conteúdo do curso. Neste momento, pedimos que você apenas elenque alguns pontos que gostaria de colocar no seu memorial, como se fosse um sumário. A quantidade de tópicos você decide.

Mais tarde, quando avançarmos para o segundo módulo do curso e para conclusão desta formação, você retornará a este memorial para (re)construir sua história de vida de formação acadêmica.

A partir do combinado acima, os sujeitos puderam construtivamente narrar sua história de vida, compartilhar experiências e (re)significar seus processos formativos, pois, como afirma Abrahão (2004, p. 203), esse “processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória”.

4.3 A metarreflexão da experiência

Ao contrário do que se pode pensar, produzir narrativas autobiográficas e memoriais não se resume à *doxa* de cada sujeito, isto é, à opinião particular. Sem dúvida o ponto de partida é a intimidade e seus mais complexos graus de subjetividade. No entanto, o processo formativo com narrativas autobiográficas pretende ir além. Sua pretensão é converter o senso comum e a opinião em um gênero acadêmico importante, infelizmente não muito valorizado: o memorial autobiográfico.

A fim de dar substância teórica aos narradores no seu processo de construção de conhecimentos *sobre* e *com* narrativas, foi produzido para o curso um livro virtual intitulado “Entremeando Narrativas”, com dois capítulos, cujos conteúdos priorizaram dois elementos principais: “Narrativa como partilha de experiência e construção de sentido do mundo; e, “Narrativa como metodologia de pesquisa e de formação”.

A partir dessa fundamentação teórica, os cursista-narradores foram chamados a exercitar uma habilidade pouco usual nos processos de formação continuada: a metarreflexão da experiência de formação acadêmica. Esse exercício foi permitido na medida em que a produção do memorial propôs a reflexão da trajetória formativa, o que é muito importante, mas que por si só não basta. É preciso que se dê um salto qualitativo no processo provocando a reflexão sobre a reflexão exercitada, ou seja, a metarreflexão, podendo-se a partir dela reinventar o passado e dar sentido à experiência formativa, não apenas descrevendo-a, e sim interpretando-a. Isso porque a formação a partir de narrativas é uma experiência tridimensional em que se revolvem, imiscuem e condicionam presente, passado e futuro no agora.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmou Bakhtin, todo discurso proferido é um enunciado, e todo enunciado é marcadamente ideológico e está à procura do outro, com um nítido cunho de afetação e influência. Deste ângulo, o presente relato tem a nítida função de influenciar a construção de processos formativos a partir de narrativas autobiográficas.

Apesar de ser um campo relativamente novo de pesquisas, as narrativas autobiográficas e histórias de vida vêm encontrando um campo fértil nas pesquisas em educação e em outras áreas das ciências humanas. Por outro lado, não se tem visto a mesma boa vontade acadêmica para com a formação continuada a partir de narrativas, que desde há muito tempo tem sido formação *para* o sujeito e não *com* o sujeito.

Inverter essa ordem é que se propôs esse relato, pois parte-se aqui do princípio já anunciado por Nóvoa (apud JOSSO, 2010) de que toda formação é, e precisa ser, antes de tudo autoformação. Não é questão somente de se levar em conta o sujeito no processo formativo, trata-se de transformá-lo em protagonista deste processo.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.
- ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, ano 2, n. 6, ago/dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v6n1/v6n1a16>. Acesso em: 10 jul. 2015.
- CEAD (CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA). Curso de Extensão Universitária “Narrativa, autobiografia e formação de educadores”. Florianópolis, 2016.
- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HARRISON, B. **Life story research**. London: SAGE Publications, 2008.
- JOSSO, M.-C. **Experiências de vida e formação**. Natal: EDUFRRN, 2010.
- LARROSA, J. Notas sobre narrativa e identidad (a modo de presentación). In: ABRAHÃO, M. H. M. (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- NÓVOA, A. Apresentação. In: JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Natal: EDUFRRN, 2010.
- NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.
- SOUZA, E. C.; PASSEGGI, M. C. Apresentação à segunda edição brasileira. In: JOSSO, M. C.

Experiências de vida e formação. Natal: EDUFRN, 2010.

MOEN, T. Reflections on the narrative research approach. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 5, n. 4, p. 56-69, dec. 2006.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa "Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX" - <https://www.fclar.unesp.br/#!/pesquisa/grupos-de-pesquisa/estudos-da-sexualidade/apresentacao>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Active methodologies 30, 31

B

Biossólido 12, 13

C

Chemistry education 27

Contaço de história 1, 7, 8, 9

Continuing formation 17

D

Design thinking 30, 31, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 43

E

Early childhood education 1, 30

Educação a distância 44, 45, 49, 53

Educação infantil 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 30, 31

Ensino de química 27

F

Formação continuada 17, 18, 19, 20, 24, 25, 39, 44, 49, 52, 53

Formação de professores 26, 27, 31

Formação inicial 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 37, 47, 48

I

Initial formation 17

L

Literatura 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 28, 29, 53

Literature 1

M

Metodologias ativas 30, 32, 37, 39, 42, 43

Microlearning 30, 31, 39

N

Narrativa autobiográfica 44, 48, 51

P

Pedagogia 26, 30, 31, 35, 36, 37, 39, 42, 44, 49, 50

Pedagogy 31, 44

S

Saccharum spp 12, 13

Sociedade 5.0 30, 31, 32, 33, 43

Stimulate ® 12, 13, 14, 15

Storytelling 1

T

Tdic 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26

Teacher education 27, 30

Technology 1, 27

Tecnologia 1, 6, 7, 8, 9, 12, 18, 19, 20, 22, 23, 25, 27, 28, 34

Tic 25, 26, 27, 28, 29

 **Atena**
Editora

2 0 2 0